

Revolução

TRABALHADORES OCUPAM TERRAS EM ALCÁCER



PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO • BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

A ZANGA ENTRE OS PARTIDOS...

O P.C.

A discussão da lei sindical tem dado lugar a uma luta entre os partidos da coligação, que muito tem ajudado a esclarecer aqueles que não privam dos negócios de bastidores. Zangam-se as comadres... E o espectáculo é escandaloso e cómico. Só não é trágico porque nunca os objectivos verdadeiramente revolucionários foram depositos nesse Governo de coligação de classes. De fora do jogo, os trabalhadores todos os dias ouvem mais declarações e mais insultos mútuos. A confusão, a ambiguidade, a ausência duma definição clara dos interesses de classe defendidos são a regra. Aí vão algumas das verdades dos últimos dias. Soube-se que:

O P.C. e o P.P.D.

É que fabricaram a lei anti-greve.

O P.C.

Quis proibir a existência legal dum determinado partido da chamada "extrema esquerda"

(declarações de Salgado Zenha no comício do P.S., jornais diários de 17-1-75).

O MINISTÉRIO DO TRABALHO

Tem como funcionário um ex-membro do Governo fascista (declarações de Salgado Zenha no comício do P.S., jornais diários de 17-1-75).

O P.S.

Está comprometido numa perspectiva spinolista (declarações de Alvaro Cunhal no comício da Marinha Grande em 18-1-75, publicado nos jornais diários de 20-1-75).

O PROJECTO DE LEI SINDICAL

Foi elaborado não pelos trabalhadores, mas sim por um grupo de assistentes da Faculdade de Direito de Coimbra (declarações de Salgado Zenha no comício do P.S., jornais diários de 17-1-75).

A RTP

Discrimina por censura interna as declarações a respeito da lei sindical (declarações de Alvaro Guerra, jornais diários de 17-1-75).

A RESPEITO DA LEI SINDICAL FORAM CONSULTADOS

182 sindicatos, 4 federações e algumas uniões (declarações do Ministro Costa Martins à "Capital" a 18-1-75. Perguntamos: quando é que os sindicatos promoveram assembleias para a decisão deste assunto? Quando e que as assembleias de empresa tomaram conhecimento do projecto? Cada trabalhador que responda.

A AOC

Tem como principal inimigo neste momento o "social-fascismo" (declarações de José Chagas à "República", 17-1-75).

MAGALHÃES MOTA DO P.P.D.

Vai a Varsóvia, Polónia, fazer uma conferência (Expresso de 18-1-75).

Pagou uma página de publicidade no Jornal de Notícias (21-1-75) para a publicação do discurso de Alvaro Cunhal na Marinha Grande em 18-1-75.

Como verdades, chegam, para avaliarmos o clima em que decorre o exercício do poder político. Haverá ainda quem confie neste poder? Haverá ainda quem deposite na coligação de classes qualquer espécie de esperança? Haverá ainda quem pense que com democracia e com reformas o capitalismo há-de morrer?

Ou compreender-se-á melhor, dia a dia, que o novo poder revolucionário está fora do poder político? E que os trabalhadores têm de dar tudo por tudo para não serem enganados. Porque o escândalo vai continuar; e tanto mais quanto mais próximas estiverem as datas eleitorais.

MÁRIO SOARES

Disse, à chegada do embaixador americano, Carlucci, conhecido pela sua actividade pró-CIA, que este vinha "animado das melhores intenções". (Expresso de 18-1-75).

O PROLETARIADO NOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS

Quer devido a uma bem montada, (e bem apoiada no capital), máquina de propaganda, quer devido às condições de sobre-exploração do proletariado português (basta pensar que a lei sobre o ordenado mínimo de 3300\$00 veio beneficiar cerca de 50% dos trabalhadores não abrangendo militares, rurais, empregadas domésticas nem menores de 21 anos), podem encontrar alguma repercussão, propostas que apontem para um modelo de desenvolvimento capitalista da economia portuguesa que a aproxime da dos países altamente, industrializados, criando consequentemente aos trabalhadores, "condições de vida" (e. e de produção...), semelhantes às de certas camadas de trabalhadores desses países, (e isto como se melhoria do nível de consumo fosse sinónimo de ausência de exploração, como se a alteração na distribuição implicasse alteração no modo de produção).

Ora é bem sabido, por um lado, que essas tão apontadas melhoras são efectivamente conquistas dos trabalhadores, que se recusam a suportar o preço das crises económicas, por outro lado que, na necessidade para o capitalismo de desenvolver as forças produtivas (o que também inclui instrução, saúde, segurança) reside uma das suas contradições. Se aos operários se exige mais conhecimentos maior especialização, é porque a utilização da máquina cada vez mais aperfeiçoada o impõe. Se se procura promover e defender a saúde dos trabalhadores, através duma assistência médica eficaz, é apenas porque, as elevadas cadências no trabalho, a necessidade de evitar faltas por doença, o impõem.

Se se procura garantir a segurança no trabalho é apenas para que não haja desperdício de força de trabalho.

Se se procura criar (artificialmente) um razoável nível de consumo, é apenas para que a burguesia tire proveito de um mercado desenvolvido.

Se às mulheres trabalhadoras se "auxilia" com as creches, é apenas para que se amplie o mercado da força de trabalho feminina. Mas da mesma maneira que um preso não deixa de o ser, pelo facto de a prisão assumir aspectos menos violentos que noutras épocas, também um assalariado não deixa de ser explorado, pelo facto da sociedade capitalista se "modernizar". Essa exploração tem sobretudo dois aspectos: por um lado mais-valia (diferença entre o valor produzido pelo operário e o salário) aumenta devido à automatização crescente (em menos tempo podem produzir-se mais quantidade de valores) tendendo a aumentar também a taxa de exploração: se com um salário de 4000\$00, numa jornada de 8 horas, um operário trabalha 5 horas de graça para o patrão, com um salário de 5 000\$00, se houver o tal desenvolvimento dos processos técnicos, nas mesmas 8 horas, o operário passará a trabalhar para o patrão mais de 5 horas.

O outro aspecto é o do planeamento da economia pelos trabalhadores, e para as suas necessidades.

Só a socialização dos meios de produção acompanhada da socialização da organização, pela criação de órgãos de classe autónomos, de direcção e controle, poderá levar os trabalhadores a abolir as fronteiras entre o planeamento e a execução. Por muito que se mascare a contradição fundamental da sociedade burguesa — minoria de exploradores — maioria de explorados — ela não deixa de existir.

ANTÓNIO DIAS CARDOSO RAPTADO PELO FNLA

António Dias Cardoso foi raptado pela FNLA em Luanda. A sua vida decerto corre perigo. O seu rapto seguiu-se ao facto de se ter oposto a ler pela rádio um comunicado da FNLA.

António Dias Cardoso foi entrevistado por nós no n.º 10 do Revolução, quando saiu do Tarrafal, depois de ter estado preso 13 anos. Este homem, revolucionário e poeta, sofreu horrores durante o tempo do fascismo, acusado por este de ser membro do MPLA. Hoje, após ser libertado do campo de concentração, voltou para Angola e para a luta. Mas a reacção e o imperialismo espreitavam. Hoje é a FNLA, representante em Angola dos interesses imperialistas, que é o inimigo de António Dias Cardoso.

António Dias Cardoso nasceu em Luanda em 1933. Foi preso com 28 anos e passou treze na cadeia; tem agora 41.

Como poeta começou no grupo "Mensagem" da Associação dos Naturais de Angola, com Agostinho Neto, Luandino Vieira e outros, que mais tarde viriam a ser conhecidos politicamente.

Foi preso pela primeira vez em 1959 e de pois em Novembro de 1961, começando então o seu longo período de torturas e desterro.

Em 1 de Maio de 1974 foi libertado assim como todos os outros presos do Tarrafal. Em

Julho de 1974 dizia-nos em Lisboa, em resposta a uma pergunta feita por nós em relação à situação de Angola:

"Com estas manobras dilatórias com este tempo todo que se está a perder, estão a prejudicar a transição ou por outra estão a fazer com que se agudizem contradições que já eram tremendas, que os fossos se tornem maiores, as frustrações, os recalamentos os traumatismos que o fascismo e o colonialismo criaram, darão depois mais excessos, mais perturbações. Se no processo as autoridades portuguesas definissem claramente uma independência total e imediata em que houvesse conversações para a transferência técnica de todo o tipo de estrutura que há uma nação moderna o mais rápido possível, servindo-se da autoridade e dos quadros do MPLA e da estrutura portuguesa, esta transição seria feita nas melhores condições possíveis; sendo demorada e com equívocos, que as contradições se tornam maiores, os fossos maiores".

As manobras e a ambiguidade deram tempo a que a FNLA se organizasse para lutar contra o MPLA. Hoje António Dias Cardoso é prisioneiro do novo inimigo. Onde está ele? Que vão fazer as autoridades que estão em Luanda?

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



Revolução

1958-1975 CUBA

VIVA EL PRIMER CONGRESO DE NUESTRO PARTIDO COMUNISTA



VIVAN LOS 16 AÑOS DEL PRIMER ESTADO OBRERO Y CAMPESINO DE AMERICA

"PARA PORTUGAL, CUBA É NÃO SÓ UM EXEMPLO PARA AQUELES QUE TODOS OS DIAS ERGUEM PAPÕES PARA AFUGENTAR A REVOLUÇÃO SOCIALISTA, COMO UM ALIADO CERTO NA LUTA CONTRA O IMPERIALISMO"

Camarada Haydée: quero fazer uma pergunta com respeito à véspera do ataque ao Quartel de Moncada. Queremos saber qual foi a impressão mais forte que você recebeu nessa noite de 25 de Julho antes de se proceder ao ataque do Quartel Moncada.

Haydée Santa María: Se me situar agora poderei dizer-te outras coisas. Se queres que pense naquele momento, é como quem vai à sua festa dos quinze anos. Aquela noite foi uma das noites de mais alegria. Aquela noite não posso dizer-te e que foi o que mais me impressionou, porque não era impressionante.

Aquela noite me impressionou porque não sabia o que se ia passar, mas sabia que seria algo de grandioso. Não sabia se veria mais o sol da minha Pátria, que somente por isso merecia a pena viver; mas sabia que se não o visse, saía grandioso também.

O ATAQUE A UVERO

Relato do Comandante Juan Almeida

Foi um ataque de surpresa, o primeiro de grande envergadura que desencadeávamos contra as forças do regime de Batista.

Não posso precisar com muita exactidão a hora a que iniciámos o ataque, mas calculo que foi ao amanhecer.

Eu comandava um pelotão,

Aquela noite foi a noite da vida, porque queríamos ver, sentir, olhar para tudo o que talvez nunca mais olharíamos, sentiríamos, veríamos. Tudo se faz mais formoso quando se pensa que depois não se vai ter (...)

(...) Não vamos dizer que fomos a Moncada fazer uma Revolução Socialista. Não é verdade. Pelo menos neste momento, pelo muito pessoalmente. Fomos ali com a ideia de fazer uma alteração, para que homens não roubassem; mas não de fazer essa alteração.

(...) Ali fomos como adeptos de Martí. Hoje somos marxistas e não deixámos de ser apologistas de Martí, porque não há contradição nisto, pelo menos para nós. Fomos ali com as ideias de Martí e hoje continuamos com as ideias de Martí, com as ideias de Lenine, com as ideias de Marx, com as ideias de Bolívar, com a revolução de Bolívar, com a revolução de Che; com a direcção de Martí, com a doutrina de Marx e com Bolívar com o continente que Bolívar quis unir e quis fazer.

(...) Assim é que, se ali não nos levou a ideia de fazer uma revolução socialista, a experiência e a necessidade ensinaram-nos que era a única via para dar a nosso povo a verdadeira liberdade.

E encontrámos em Moncada e em tantos outros Moncada a verdade:

A verdade é o comunismo! Quando se pode fazer? Quem pode dizer? Porque enquanto há um povo que necessita de nós, o comunismo com toda a sua abundância não se pode fazer aqui; enquanto há uma criança que morre porque não tem leite, não podemos fazer o comunismo. Agora isso não quer dizer que não se fará...

Moncada, 26 de Julho de 1953. Um fracasso? Não. A derrota necessária para o caminho da vitória. Depois de Moncada, a revolução começa pelo caminho difícil da guerrilha.

de mira telescópica e marchei à frente dos meus 21 homens, disparando continuamente até esgotar cada carregador. Ouvi um matraquear de metralhadoras e senti-me ferido. Aconteceu que, sem nos darmos conta, tínhamos ultrapassado um dos postos do inimigo que nos fizera fogo por detrás.

Uma das balas atingiu-me na cabeça e ainda tenho o chumbo no crâneo, necessitando de uma operação muito delicada. Outra bala entrou-me entre o peito e o ombro esquerdo, mas foi desviada do coração — tê-lo-ia atravessado, não tenho dúvida — por uma colher que trazia no bolso da camisa. Continuando com sorte, o terceiro projectil, que me penetrou na perna esquerda, perdeu força ao atravessar uma lata de leite condensado que levava no bolso das calças. Vi que pelo tecido das calças escorria o líquido branco e o sangue vermelho, misturados. Não sei como levei a lata à boca e survi

vários tragos do leite doce. Recordo-me disso com precisão.

Alguns companheiros encostaram-me a um pau e daí continuei dirigindo o ataque que se prolongou por mais de duas horas. O fogo era intenso de ambas as partes. O tenente Vierita acudiu-me, injectando-me penicilina. Quando soube que tinha ferido Félix Pena, fiz que me levasses até ele e tratei-o. Fiz o mesmo com Maceo. Morreram ambos, se bem que não naquela ocasião. Foi uma vitória completa para nós. No "Uvero" capturámos muitas armas, entre outras carabinas garand e Brouwning, que eram uma aquisição valiosíssima para as nossas forças, assim como grande quantidade de munições.

Terminado o combate, meteram-nos num camião, e partimos para a Sierra, levando os nossos mortos e feridos e também feridos de inimigos e uns vinte prisioneiros.

Do nosso lado éramos sete feridos e ficámos ao cuidado de Che

Guevara, Vilo Acuña, Joel Iglesias e Alejandro Oñate, a quem chamávamos "cantinflas". Recordo que os feridos eram Félix Pena, Maceo, Escalona, Angel Manais, Manuel Acuña, Hermes e eu.

O companheiro Guevara ia-nos assistindo durante a fatigante marcha depois de termos deixado os camiões para subir pelas encostas da Sierra. Chegámos a casa de um tal Enrique López que tinha uma criação de galinhas de raça. Guevara preparou-nos uma sopa que devia estar excelente, por causa da qualidade das aves que se mataram para a refeição. Mas quando se preparava para nos servir o caldo, avisaram-nos que vinham os "rurais" e tivemos que fugir.

Félix Pena, Escalona e eu éramos levados em macas devido à gravidade dos nossos ferimentos, e isso tornava a marcha mais lenta.

Até que chegámos a "El Peldero", onde ficámos mais de um mês, a repousar.



TRABALHADORES OCUPAM TERRAS EM

A Região de Alcácer do Sal é a que tem os maiores latifúndios de Portugal. É lá que está a herdade da Palma, que com 19.000 hectares, é o maior latifúndio da Península (há mesmo quem diga que é o maior da Europa).

12 lavradores possuem todas as terras da região.

"Possuem as terras, o dinheiro e as pessoas", e por isso põem e dispõem como muito bem entendem. Ou melhor, punham e dispunham, porque as coisas mudaram e os trabalhadores já não estão dispostos a aturar os humores desses senhores.

Além a sua combatividade já vem de longe. Alcácer do Sal foi das terras onde a luta pelas 8 horas de trabalho no campo foi mais renhida.

O 25 de Abril trouxe novas perspectivas aos trabalhadores e com o desespero dos patrões, a luta e as posições que tomaram radicalizaram-se. Houve o aumento do desemprego, as terras por cultivar, a azeitona enterrada e surge o primeiro caso de ocupação de terras. A terra da "Quintinha", que há já três anos que não era cultivada, foi ocupada pelos antigos rendeiros. Mas outras ocupações se avizinharam porque os baldios são muitos, e os trabalhadores não pedem mais do que cultivar essas terras. Com proveito para todos, porque pensam formar uma cooperativa que não só lhes forneça o apoio técnico de que necessitam, como também lhes permitirá abastecer o mercado de Alcácer e mesmo mais.

Para o arranque inicial, contam com o apoio do Governo, o que se poderá verificar se o material, neste momento em poder dos Grêmios for entregue a este tipo de organizações dos trabalhadores.

Para já os trabalhadores contam com o apoio da Câmara Municipal que está perfeitamente consciente da justiça de tal acção, uma vez que é criminoso, isso sim, deixar as terras ao abandono.

O Sindicato dos trabalhadores rurais do distrito, apoiou-os até determinado momento, mas de forma demasiadamente legalista. Assim evitou estar presente na assembleia que decidiu a ocupação das terras e também não participou na sua ocupação.

Mas nada disso foi entrave. A ocupação fez-se e hoje há já algumas courelas lavradas. Como os trabalhadores se reúnem periodicamente na Câmara Municipal para discutir os seus problemas, tivemos a oportunidade de falar com cerca de 15 dos ocupantes da "Quintinha", que nos puseram ao corrente da situação dos trabalhadores em Alcácer e das razões da ocupação das terras. A primeira pessoa a responder às nossas perguntas, foi a Sra. Maria, a única mulher do grupo com quem falamos, e que para além disto, foi o grande motor de toda esta movimentação.

Na justiça das suas posições, está a razão da sua luta.

Eles eram donos das terras...

Revolução: Qual o motivo que levou à ocupação da "Quintinha"?

Resposta — O motivo foi que durante 50 anos aquelas terras foram cultivadas para o consumo das nossas casas. A certa altura a proprietária tirou as terras às pessoas. Semeou tomate durante um ano e arroz durante dois anos. Há três anos que não cultiva a terra.

Como não se podia dizer nada, ficámos quietos. Mas veio o 25 de Abril e como a dificuldade de comprar coisas (Hortaliças, batatas, feijão verde, etc.) aumentou, comecei a falar dessas terras com o meu marido. Consegui os nomes dos antigos rendeiros e numa sessão da Câmara entreguei esses nomes.

Depois contactaram com o filho da dona Laura Cariaça, a proprietária da "Quintinha", para comparecer na Câmara para ser informado do que se passava. Mas nunca apareceu.

Assim a solução foi mesmo ocupar as terras, porque temos precisão delas para a nossa alimentação e dos nossos filhos e

até para abastecermos Alcácer.

Revolução: Quer dizer: as terras estavam arrendadas e depois a dona da terra pôs os rendeiros na rua, não foi?

Resposta — Pois, expulsou os rendeiros e depois arrancou-lhes todas as árvores de fruto que eles tinham plantado, com sacrifício: tinham laranjeiras, pessegueiros, ameixoeiras, marmeleiros, até árvores de ginja lá havia. E ela arrancou todas aquelas árvores só para plantar tomate e arroz durante três anos. Não foi porque precisasse de terra, porque tem herdades maiores que também não são cultivadas. E tem terras muito melhores do que aquele palmo de terra.

Revolução: E essas herdades nunca estiveram arrendadas?

Resposta — Algumas sim, mas outras só lá tem gado, tira cortiça e o resto está a bravo... Tem muita que chega quase ao fim dos chaparros!

Revolução: Quantos rendeiros estavam na "Quintinha"?

Resposta — Dantes tinham mais rendeiros, porque as parcelas eram

mais pequenas. Eram à volta de 170.

Agora ficámos 90.

Revolução: Neste momento são noventa pessoas.

Resposta — Estamos 90 pessoas a ocupar as terras.



Revolução: Onde é que fica a "Quintinha"?

Resposta — Fica do outro lado, na margem esquerda do Sado.

Revolução: Qual o tamanho da propriedade?

Resposta — Tem mais ou menos 3 hectares.

Intervenção — Agora passa ali um canal.

Resposta — Também já ficam menos rendeiros por causa do canal. Mas isso até é conveniente para nós, pois temos água para as regas.

Revolução: E como fizeram as coisas? Dividiram novamente a terra como estava antigamente?

Resposta — Pois foi dividida na mesma.

Revolução: E como é que vão fazer as culturas? Cultivam a terra individualmente?

Resposta — Cada um faz a sua. Cada um cava e semeia.

Mas estamos a pensar fazer uma cooperativa: o que sobrar das nossas casas, do nosso consumo, vendemos à Cooperativa.

Revolução: Então é uma cooperativa só de antigos rendeiros da "Quintinha"?

Resposta — Sim. Mas há os terrenos que são também ocupados por pessoas que têm precisão de terras, e que se vão unir à gente, para fazer uma cooperativa maior.

Revolução: Pois. Para abastecer aqui o mercado...

Resposta — Todo o mercado, aqui de Alcácer. Porque agora vêm vender de fora e quando a gente podia comprar uma couve por 2550, vamos lá, eles vendem-nas por 7550.

Com a Cooperativa, a gente vende

em conjunto, e por isso compra mais barato.

Revolução: Qual foi a reacção da dona das terras?

Resposta — A dona Laura Cariaças, parece que andou a dizer (há pessoas que dizem) que não quer

Portanto há pessoas que estão interessadas nessas terras até porque, estando incultas, não sendo exclusivas e havendo outros que as querem cultivar, na nossa maneira de ver deviam ser cedidas, evidentemente aos interessados.

ninguém a trabalhar na terra.

Revolução: Mas a terra já começou a ser trabalhada...

Resposta — A terra está ocupada. Está toda já dividida! Estamos à espera que lá vá um tractor, charruar a terra que não esteja charruada. Ela diz que não quer lá nenhuma cavada. Não é porque a terra lhe faça falta. Agora é que ela não quer que esteja lá gente a ocupar a terra, mas se estivesse interessada de princípio vinha aqui o filho à Câmara Municipal, quando o mandaram vir!

Revolução: Nesta região, há mais terras nestas circunstâncias?

Resposta — Há mais e já há pessoas interessadas nelas. Porque eram também rendeiros dessas terras e agora querem novamente tomar conta das terras.

Revolução: Mas essas pessoas são só antigos rendeiros ou também há trabalhadores desempregados neste momento?

Resposta — Tiveram sempre trabalho. Isto é: no Verão é que tinham mais trabalho e no Inverno era menos. Mas trabalhavam para os patrões, e depois, nas horas vagas, tinham também um bocado de terra para cultivar.

Revolução: Isso seria só para cultivar aquelas terras que não estão cultivadas há muito tempo, não é?

Mas essas entravam também para a Cooperativa?

Resposta — Essas também vão para a Cooperativa.

Revolução: Quem são os outros lavradores que têm grandes terras por cultivar?

Resposta — Há muitas terras que estão por cultivar.

Houve aí um o sr. Lança que tinha lá um rendeiro que plantou árvores de fruto de várias qualidades. Ora ele meteu lá uma máquina com lâminas à frente, cortou as árvores e até as choças que serviam de habitação foram derrubadas.

Isto foi metido em tribunal, mas como era no tempo do fascismo o patrão ganhou. Mas agora o rendeiro vai de novo a tribunal para ver se recebe uma indemnização.

Intervenção — E esse Sr. até tinha uma grande responsabilidade, pois uma vez pôs no jornal, antes de ter parado de cultivar as terras, que ia aforar as terras. Houve gente de fora que vendeu as suas casas e outras coisas que lá tinham, para virem para aqui tomar a terra. Ele esteve uma data de anos sem receber nada, até que acabou por fazer o que há pouco disse. Mas fez isso durante 20 anos ou mais.

Intervenção — Isso foi um problema muito grande. Houve gente que desorganizou a vida para vir para ali, quer dizer, ficaram sem lar e sem campo, porque ele acabou como aquilo tudo.

Intervenção — Há um outro caso



ES ALCÁCER

duma propriedade dos herdeiros Britos. Já tínhamos homens para cultivar a terra, mas viemos a saber que agora já está lavrado.

Fizemos a coisa através do sindicato, eles souberam e lavraram as terras. Mas não sabemos se é para cultivar.

Revolução: Por aquilo que me é dado saber a nível de Ministério não houve ainda intervenção.

Resposta— Não, ainda não houve, embora já tivéssemos falado com eles.

Mas sabemos que no Ministério da Agricultura já foi falado sobre as terras da "Quintinha".

Revolução: Como é que pensam resolver o problema de tractores, adubos e do que precisam para cultivar a terra?

Resposta— Nestes terrenos que a gente ocupou, pensamos que cada qual gasta do que precisa, sem que eles dêem ajuda. Mas se fosse numas terras mais abastadas, numa herdade, onde a gente fizesse vida, nessa altura tínhamos que pedir ajuda.

Revolução: Mas vão fazer isso, cada um por si?

Resposta— A Cooperativa fornece sementes e adubos que precisamos e a gente compra à cooperativa.

Mas não se pede ajuda a ninguém. Acho eu que podemos dispôr do que precisamos.

Revolução: Mas dizia, para começar com o cultivo da terra...

Resposta— Pois. Só para começar! O problema aqui é o seguinte: as pessoas querem fazer os arranjos das terras em conjunto, fazer tudo em conjunto e têm o problema de, se vão para o Ministério da Agricultura, aquilo ficar por lá entupido.

Revolução: Mas isso também depende das proporções que a coisa tomar. Porque se há a possibilidade de começar a trabalhar as terras incultas...

Resposta— Como este amigo diz há propriedades muito mal aproveitadas.

Há o condado da Palma, com 25 léguas de circunferência e o condado de Vale dos Reis que tem 14. Dessas 14 léguas, semeiam, para aí, uma em pastagens já dá para o gado.

O Condado da Palma está nas mesmas circunstâncias. Há 2 anos que não semeiam um bago de trigo. A azeitona, só apanharam alguma em 74 e em 73 não apanharam nenhuma.

Quer dizer que a maior parte dos terrenos que pertencem ao condado da Palma, estão a brávio. Nem pastagens dão para o gado.

Intervenção— Aqui na região, os lavradores limitam-se a fazer arroz e vender pinha.

Quando ao condado de Palma há uma coisa a citar sobre o gado: têm rebanhos de ovelhas sem maioral, que morrem à fome e à sede por esses campos fora. Só o guarda da propriedade é que vai, uma vez por outra, vigiar o gado. E aparecem ovelhas mortas, carneiros etc.

Pode dizer-se que é uma propriedade abandonada.

Intervenção— Há aí uma propriedade com 400 hectares em que estão apenas cultivados 25. Já fora do tempo, mas só para justificar que faziam alguma coisa.

Revolução: Tem havido aqui em Alcácer muito desemprego?

Resposta— Nunca me tinha faltado o trabalho. Mas este ano, depois de ter estado 10 semanas na cortiça esteve 4 sem fazer nada. Tudo me negava trabalho.

Intervenção— O João Núncio nem aos criados dava trabalho. Mandava-os trabalhar nas herdades do irmão. Quando herdou a horta do pai, abandonou-a. No tempo do pai, havia sempre gente a trabalhar. Depois só lá ficou o hortelão. Isto foi quando vieram as 8 horas de trabalho no campo. O hortelão ainda lhe disse que era preciso meter ali homens, mas ele respondeu que não, que eles só querem ouvir as 5 da tarde...

Tinha lá um pomar, mas arrancou tudo. Para inglês ver, semeou lá um meloal. Esta ano não tem lá nada.

Revolução: Como se chama essa propriedade?

Resposta— É a quinta da Palmeira.

Revolução: Isso aconteceu logo

a seguir ao 25 de Abril?

Resposta— Sim. Antes do 25 de Abril, agora arrancava uma árvore, depois outra. Depois do 25 arrancou tudo.

Revolução: Assim como aqueles que não apanharam a azeitona...

Resposta— Também houve um ano em que a enterrou quase toda.

Revolução: Quando trabalharem todas essas terras que estão abandonadas, como é que vão resolver o problema?

Resposta— Se semearmos em conjunto, dá resultado. Se for courela por courela também dá resultado.

Intervenção— Tem que ser courela por courela porque a maior parte só lá pode ir aos sábados, domingos e depois das horas normais de trabalho.

Revolução: Mas isso é enquanto só trabalharem na terra da "Quintinha". Mas se começarem a trabalhar as outras terras abandonadas, então já podem trabalhar o dia inteiro não é assim?

Resposta— Assim está bem. Eu até vejo que aqui em Alcácer há muita vontade de isso acontecer. Mas como as pessoas que aqui habitam estão muito habituados aos patrões e a ser mandados, têm medo de se meter nesses problemas. Eles eram os senhores das terras, do dinheiro e das pessoas.

Mas os trabalhadores de Alcácer, se o Estado pusesse duas ou três herdades para eles as trabalharem, tomavam bem conta daquilo.

E aí sim. Formávamos uma cooperativa para fornecer máquinas, adubos e sementes, e para levar os produtos para o mercado.



Isto não pode voltar para trás...

A ocupação deu-se sem que ninguém tivesse que lhes ensinar o que quer que fosse. E deu-se de uma forma revolucionária apropriando latifundiários que criminosamente deixam a terra por cultivar.

Muitos desses trabalhadores, trabalham na terra desde os 7, 8 e 9 anos de idade, e hoje já na idade da reforma mas sem ela, vêm-se na necessidade de continuar a tra-

balhar. Enquanto os Núncios, os Posser de Andrade, etc. compram carros e cavalos e se passeiam à custa da exploração da sua força de trabalho.

Mas como dizia um trabalhador "isto não pode voltar para trás. Agora é indo para a frente. Se alguma vez isto lhes cai outra vez nas mãos, comem-nos vivos. Mas tenho lá uma caçadeira que não serve só para matar coelhos..."

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

- ACABAR COM A SOCIEDADE CAPITALISTA
- ACABAR COM A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM

- LUTAR CONTRA O COLONIALISMO E NEO-COLONIALISMO

- LUTAR CONTRA O IMPERIALISMO NA PERSPECTIVA DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

- ORGANIZAR OS TRABALHADORES PARA A TOMADA DO PODER

- A TOMADA DO PODER PELOS TRABALHADORES É SEMPRE PELA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

- O PROLETARIADO NO PODER É A DITADURA DO PROLETARIADO

- A DITADURA DO PROLETARIADO NÃO É A DITADURA DUM PARTIDO OU DUM GRUPO, É A DITADURA DA CLASSE QUE É UMA FORMA SUPERIOR DE DEMOCRACIA

- A DITADURA DA CLASSE TEM DE SER EXERCIDA POR ESTRUTURAS ELEITAS PELA CLASSE

- ESSAS ESTRUTURAS SÃO AS COMISSÕES DE TRABALHADORES ELEITAS EM ASSEMBLEIA E REVOLUCIONÁRIAS A TODO O MOMENTO

- ASSEMBLEIAS DE TRABALHADORES, COMISSÕES DE TRABALHADORES, DELEGADOS DE COMISSÕES SÃO A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES

- A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA É A ÚNICA REPRESENTANTE LEGÍTIMA DOS TRABALHADORES

- A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES É QUE EXERCERÁ A DITADURA DO PROLETARIADO

- CABE AO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO A ANÁLISE POLÍTICA DA SITUAÇÃO CONCRETA, DE ACORDO COM UMA PERSPECTIVA POLÍTICA GLOBAL

- CABE AOS MILITANTES ESTIMULAR A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA, LUTAR DENTRO DELA POR UMA LINHA JUSTA; PROPAGANDEAR A PERSPECTIVA REVOLUCIONÁRIA, RECRUTAR NOVOS MILITANTES

- NA SITUAÇÃO ECONÓMICA, SOCIAL E POLÍTICA ACTUAL SÓ HÁ UMA SAÍDA PARA OPOR AO FASCISMO E AO CAPITALISMO — A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

COGESTÃO SERÁ REMÉDIO CONTRA O DESEMPREGO?

A empresa Construções Serra, SARL, localizada em Pedroso, Carvalhos (V. N. de Gaia), e decidida à produção de máquinas diversas nomeadamente para a construção civil, revela, sem dúvida, de modo exemplar, os problemas que afectam em geral as pequenas e médias empresas nacionais. Como se isso fosse já pouco, o caso da firma Construções Serra surge complicado por outros factores, que vão desde a sua localização (quase em pleno ambiente rural), até à provada impreparação do principal accionista, Sr. Nuno Serra, no desempenho das funções administrativas. Daí resultou a actual situação económica, que coloca em sério risco o futuro da empresa.

Com efeito, a sua fraca dimensão obrigava, e obriga, a recorrer a intermediários parasitas, além de que o patrão, retido longe por interesses particulares, delegava as suas funções em pessoas de «confiança» — que a não mereciam. Esta pequena empresa (que nem por ser pequena explorava menos que as outras, é claro) chegou a contar 200 trabalhadores e a facturur uns 500 contos mensais mas definiu nos últimos anos e estava, em Dezembro passado, em vias de falência. Nem sequer tinha dinheiro para pagar os vencimentos.

Foi nestas circunstâncias críticas que os seus actuais 50 trabalhadores, vítimas, ainda desta

vez, de toda a situação criada pela administração, resolveram tomar medidas concretas no sentido de receberem os pagamentos em atraso, evitar o encerramento da firma e assegurar ao mesmo tempo os respectivos empregos. Chegaram assim a reivindicar um estatuto de autogestão em negociações tidas com o representante do principal accionista e nove trabalhadores, constituídos em Comissão de Gestão, conseguiram a concessão de um total de 90 acções. Deste modo, nove trabalhadores eleitos pelos restantes camaradas vão receber legalmente nas suas mãos a administração da fábrica a partir de 14 de Fevereiro próximo.

O nosso jornal entrevistou 4 elementos desta Comissão de Gestão dos trabalhadores. Explicaram-nos eles que a falência pôde ser impedida em Dezembro porque, estando a firma em regime concordatário, a quebra seria considerada como fraudulenta. Eles reivindicavam um estatuto de autogestão mas, segundo as bases concretas em que iam trabalhar, tinham de se limitar a um estatuto de simples cogestão.

— Até que ponto poderá a cogestão resolver os vossos problemas?

— Nós vamos, é claro, continuar sempre a trabalhar para o patrão. Não temos outro remédio... Chegámos a falar, em reuniões

nossas, de pedir a nacionalização da empresa, mas vimos que não havia condições para isso.

— Por outro lado, a exploração da fábrica é perfeitamente viável sem mamões cá dentro!

— Esta empresa nunca teve uma administração a sério! Tem havido indecências. Por exemplo, as contas do ano passado não foram ainda assinadas pelo contabilista porque ele se recusa, de tal maneira elas estão!

— Temos aqui máquinas prontas para entregar. Só elas vão nos render uns 800 ou 900 contos.

— Além disso, com as nossas acções, podemos ficar em maioria perante o principal accionista, no Conselho de Administração.

— Achem vocês que estão realmente protegidos do desemprego?

— Essa tem sido a nossa preocupação. Aqui toda a gente tem medo do desemprego. É só ver o que se passa por aí...

Se arranjassemos emprego noutro lado, iam todos daqui embora. Apesar das nossas acções...

— A fábrica nunca há-de ir à falência estando nas nossas mãos. Isso só se for nas mãos do Sr. Serra. Mas se perdemos este emprego, se ficarmos desempregados, estão aí as máquinas todas para vender. Garanto que não iremos daqui de mãos vazias! Aí isso não!

NEFIL:

UM EXEMPLO

DE ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA

A NEFIL é uma fábrica de móveis em Gondomar cuja luta decorre desde 9 de Dezembro, data em que a administração tentou despedir um trabalhador que foi readmitido após firme solidariedade dos seus camaradas. Posteriormente, a luta reacende-se com novo vigor, após a administração ter recusado o saneamento de dois directores, o pagamento do mês de Dezembro, além de ter posto sucessivas dificuldades às negociações do caderno reivindicativo. Findo o prazo para estas negociações, os trabalhadores decidem em Assembleia Geral e dada a falta de pagamento de metade do subsídio de Natal, assim como do salário do mês de Dezembro, entrar em autogestão e, com o produto do seu trabalho, pagar-se dos salários.

«Revolução» falou com dois elementos da Comissão de Trabalhadores.

REVOLUÇÃO. — Gostaríamos de saber qual a viabilidade de continuação deste processo de auto-gestão.

C. T. — E evidente que nós não temos ilusões sobre a auto-gestão em sociedade capitalista. Servimo-nos dela como uma arma, como um recurso. Entramos em auto-gestão porque fomos obrigados a fazê-lo para sobreviver, uma vez que a administração abandonou a fábrica em 27 de Dezembro. Neste momento existem em caixa 230 contos, que são produto de quatro dias de trabalho. Embora os pequenos revendedores não tenham aderido, os clientes têm aparecido e as vendas têm sido satisfatórias, isto apesar do patrão canalizar os produtos daqui para a Decorama — que também é dele — e daí para o consumidor. Arranjamos assim a ganhar três vezes na mesma peça. Além disso, temos matérias-primas armazenadas (há piquetes permanentes no armazém, no Porto, para evitar que o patrão nos roube) que devem dar para cerca de quatro meses. Conseguimos já a solidariedade dos operários da Tabopan, em Amarante — a fornecedora da firma — que prometeram paralisar a fábrica, caso o patrão deles nos corte o envio de matérias-primas. Quanto a problemas técnicos, praticamente não existem, porque embora os empregados de escritório tenham desertado, cá nos temos arranjado com o apoio externo de camaradas que têm trabalhado connosco.

REV. — Quantos sindicatos existem na empresa e que posições tomaram perante a luta?

C. T. — Há aqui sete sindicatos; apoiam, fogem, enfim... são reformistas. Foram ultrapassados pela própria luta e embora não tivessem tentado travá-la, man-

têm-se encostados. Toda a gente sabe que eles respeitam a lei anti-greve e por isso não podem apoiar abertamente a nossa luta. Aproveito para dizer que, dos sete sindicatos, seis já têm Contracto Colectivo de Trabalho aprovado e nenhum está a ser cumprido na empresa.

REV. — És capaz de explicar como e quando surgiu a Comissão de Trabalhadores?

C. T. — Existiu uma Comissão de Trabalhadores eleita em Maio, em Assembleia Geral, que foi demitida porque incluía elementos que mais tarde se mostraram reaccionários, é o caso de certos empregados de escritório. Elegeu-se então uma nova Comissão de Trabalhadores com 17 membros divididos em oito comités que analisam todos os problemas específicos que diariamente lhe são apresentados pelas subcomissões. Claro que a Comissão de Trabalhadores não tem poder de decisão, nem toma posição sem reunir a Assembleia Geral. A Comissão de Trabalhadores apenas coordena o trabalho. Além disso, não é partidária e pode ser revogada a qualquer momento.

REV. — Com este tipo de organização interna conseguiram superar a falta de apoio dos sindicatos?

C. T. — Sem dúvida, a Comissão de Trabalhadores eleita por todos os operários conhece bem o terreno da luta e enfrentamos melhor o inimigo do que uma direcção sindical, além de sermos mais representativos.

REV. — Além da produção têm feito trabalho político?

C. T. — Têm sido feitas Assembleias de informação quase diariamente e estamos a preparar para breve a saída de um jornal interno para politizar os operários. Aliás, nota-se que a luta tem politizado bastante os trabalhadores.

REV. — Só mais duas questões. Já pensaram no modo como vão distribuir os salários? Já propuseram alguma alternativa para o caso de o conflito não se resolver nos próximos tempos e as dificuldades aumentarem?

C. T. — Sobre os salários, pensamos a princípio distribuir igualmente o dinheiro em caixa. Mas depois, tendo em conta que há operários com muitos filhos e que aquele método só daria uns três contos a cada, optamos pelo pagamento segundo as necessidades de cada um.

Quanto ao outro problema, pensamos em exigir ao Governo a nacionalização da firma, sob o controle operário. Não queremos nacionalizações fantoches que só ajudam os patrões.

(ALBUFEIRA)

HOTEL ROCAMAR

O processo de saneamento que a actual Comissão Intersindical de Trabalhadores (CIT) do Hotel Rocamar (em Albufeira) tem vindo a desenvolver desde Novembro passado, terminou com a expulsão do respectivo director, o fascista José Joaquim Gonçalves Nogueira de Sousa.

Apesar desta vitória os trabalhadores estão conscientes que novas lutas se aproximam. Com efeito, é bem possível que os donos do hotel (alemães) o queiram fechar, pelo que os trabalhadores estão atentos e preparados para tomar conta do local onde trabalham passando, deste modo, a geri-lo.

Da carta escrita pela CIT, em 19-12-74 ao 1.º Ministro, extralimos as seguintes passagens: "Sobre o aspecto do reaccionarismo temos as seguintes causas:

Proibição da posse dos jornais "Revolução" e "Avante", enquanto ele era livre de possuir na sua própria secretária o jornal fascista Tempo Novo..."

Recusa de pagamento do dia 6 de Outubro (dia do Trabalho Voluntário), afirmando nesse mesmo dia que estava a trabalhar para não lhe chamarem fascista,

mostrando nesse caso específico a sua contrariedade pela vitória das forças populares no 28 de Setembro.

Comentário de desaprovação ao ver trabalhadores assistindo pela televisão ao discurso de Sua Excelência o Senhor General Costa Gomes, transmitido directamente das Nações Unidas.

Aquando da apresentação de vários problemas de trabalho por um elemento da Comissão de Trabalhadores, afirmou a terminar a conversa que já tinha saudades do fascismo, desprezando deste modo os direitos dos trabalhadores adquiridos com o 25 de Abril e que a mesma comissão tentava conseguir para os seus camaradas.

Proibiu a subgovernanta de comprar, para a decoração do Hotel, cravos, afirmando que detestava tais flores... (...)

Sobre a incompetência profissional e relações de trabalho, salientamos os seguintes casos:

Despedimento sem justa causa e sem qualquer motivo de seis empregados, havendo mais cinco empregados que estiveram também ameaçados de despedimento.

Recusa de pagamento do acréscimo de 25% pelo trabalho

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONARIAS**

nocturno ao porteiro da noite, ameaçando o nosso camarada com o despedimento imediato, se não quisesse assinar uma carta prescindindo do referido suplemento. (...)

Desta forma, desde as 00horas de hoje que os nossos camaradas trabalhadores se encontram formando piquetes, para a não entrada no Hotel do referido indivíduo".

Todos estes factos revelam bem que os fascistas continuam activos e em liberdade, pelo que, tal como fizeram os trabalhadores do Hotel Rocamar em Albufeira, há que isolá-los e saná-los, o que só pode ser conseguido através duma acção conjunta e organizada dos trabalhadores a partir do seu local de trabalho.

DESPEDIMENTOS NA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Realizou-se na passada terça-feira, no Sindicato dos Contínuos, Porteiros e Profissões Similares, uma conferência de imprensa, onde foi denunciado o despedimento indirecto de 311 trabalhadores da limpeza, pela Câmara Municipal de Lisboa. Estes trabalhadores pertencem à Sociedade de Construções Valura, que tinha desde há 5 anos um contrato com a C.M. para a limpeza das 3.ª, 4.ª, 7.ª e 8.ª zonas da cidade de Lisboa.

No passado dia 9 de Janeiro a Câmara rescindiu o contrato com a Valura tendo ao mesmo tempo aberto concurso para a admissão de pessoal da limpeza, "dos 18 anos aos 45 anos" e depois de passarem por uma inspecção médica.

Em princípio, segundo a óptica da C.M. de Lisboa, todos os trabalhadores da Valura poderiam ser reintegrados nos serviços municipalizados, mediante passagem no concurso.

Mas a realidade é bem diferente. Assim e logo de início, 60% dos trabalhadores vêm-se excluídos porque têm mais do que 45 anos. Além disso, há muitos deles que foram para esse trabalho, porque eram doentes ou deficientes físicos

e não tinham possibilidade de arranjar outro emprego. Assim, como a C.M. lhes impõe inspecção médica, exigindo aliás, "homens novos e fortes", os restantes 40% vêm-se em sérias dificuldades para passar no concurso.

Mas para além de tudo isto, há ainda o problema dos salários. A Valura, depois duma luta vitoriosa dos trabalhadores concedeu aumento de salários estando neste momento os varredores a ganhar 4.955\$00 e o pessoal da lavagem noturna, 5.695\$00. Ora o salário da Câmara é de 4.200\$00, o que nem os trabalhadores nem o sindicato estão dispostos a aceitar.

Mas há ainda alguns factos um tanto ou quanto obscuros. Durante a greve dos trabalhadores da limpeza, em Setembro do ano passado, um vice-presidente, na altura o Tenente Coronel Rebocho, teria dito que a Câmara havia feito um contrato por dez anos com a firma José Ribeiro. Pergunta-se: Terá isto alguma coisa a ver com a anulação do contrato com a Valura?

Tenha ou não tenha a situação dos 311 trabalhadores é que está em jogo e é isso que há que resolver, o que não impede, claro, que não se esclareça o caso.

Contudo o que é certo é que todas as tentativas de negociação foram goradas até ao momento: a Câmara Municipal tem fugido às reuniões com o sindicato; com o Ministério do Trabalho ainda não conseguiram audiência. A C.M. segundo foi dito ao representante do Sindicato, teria entregue o caso ao Ministério Público que faz neste momento uma sindicância à Câmara. Mas que competência tem o M. P. para resolver conflitos de trabalho?

Por este caso e por outros, como por exemplo 800 mulheres despedidas recentemente e em semelhantes circunstâncias, o sindicato reconhece a necessidade de uma "lei que regule as empresas de venda de mão-de-obra, as quais envolvem, só no distrito de Lisboa 40.000 trabalhadores e no total do país 90.000". Mas sobretudo há que lutar contra os despedimentos e as arbitrariedades dos capitalistas. E aí uma vez que os serviços competentes se mostram renitentes em solucionar este caso, os trabalhadores estudam formas concretas de luta que lhes permitam popularizar a sua luta como meio para a conquista do direito ao trabalho. Porque da garantia do trabalho se trata.

Não terá a Câmara Municipal capacidade de manter estes 311 trabalhadores?

Se eles lá trabalhavam, é porque tem.

GREVE NA OFICINA DA MADEIRA IMPEX

Na Madeira como em todo o País os capitalistas usam como arma o desemprego pondo famílias na fome e na miséria.

Mas os trabalhadores consciencializados no espírito revolucionário dizem não às manobras reaccionárias dos patrões.

Assim aconteceu: os operários da oficina da Madeira Implex, agente da Volkswagen e Mercedes, na Ilha da Madeira conscientes na sua luta decidiram ir para a greve no dia 15 de Janeiro, enquanto não fossem satisfeitas as

suas reivindicações.

Revolução. Como é que começou esta greve?

Operário — Esta greve foi desencadeada por causa de três dos nossos camaradas serem despedidos sem justa causa.

Revolução: Como se processa esta luta?

Operário — Nós comunicámos para a gerência da firma por escrito que éramos contra os despedimentos dos nossos camaradas, e o patrão não deu qualquer tipo de resposta.

Então nós fizemos circular um comunicado pelos órgãos de informação que dávamos um prazo de 48 horas para a decisão da reintegração do pessoal caso não fosse decidido entrávamos em greve. Elegemos uma comissão e fizemos as nossas reivindicações. Revolução: Quais foram as vossas reivindicações?

Operário — Readmissão imediata do pessoal despedido sem justa causa. Pagamento dos aumentos atrasados decretado pelo sindicato dos metalúrgicos. Equipamento para o pessoal. Horário da oficina que seja igual ao da secção de acessórios.

Revolução: Qual foi a resposta do patrão?

Operário — Que pagava os aumentos previstos pelo sindicato, mas que a ordem de despedimentos estava dada que não podia readmitir o pessoal por ser incompetente, não terem qualquer especialização, não sabermos ler e não serem produtivos.

Revolução: Há quanto tempo trabalham estes operários na firma?

Operário — O que ele diz que é analfabeto e pouco produtivo já trabalha aqui há dez anos, e os outros dois há cerca de 2 anos. Revolução: Vocês acham que ele pode continuar a pagar aos operários?

Operário — Se pode! O Machado dos Santos é um dos maiores capitalistas da nossa terra, tem meia rua de prédios e ainda por cima aumentou no cliente o custo da mão-de-obra de 50%, logo que veio o nosso aumento decretado pelo sindicato cerca de 25%.

CUBA

CUBA, DEZEMBRO DE 1958

Versão taquigráfica de uma transmissão da Rádio Rebelde.

DIP OPNES G—3 EME

"INFORMO TOMADA SANTI SPÍRITUS NOSSAS TROPAS RETIRAM-SE PARA JATIBONICO PERSEGUIDAS POR FORAGIDOS (P) ORDENE CHEFE ESQUADRÃO 23 REFORÇO PONTE E ENTRADA E AUXÍLIO (P) COR. PÉREZ COUJIL".

CUBA DEZ. 58

Ouvir ou ler as comunicações que as emissoras rebeldes lançavam para o ar e que nos últimos dias de guerra eram bastante numerosas traz-nos sempre agradáveis recordações, além de refrescarmos a memória sobre esse heróico passado recente literalmente histórico. A actividade dessas emissoras crescia constantemente à medida que também cresciam e se multiplicavam as acções das Forças Rebeldes em quase todo o território nacional.

Diz-me por favor ...

COLUNA 8 CIRO REDONDO: Agora não posso dizer-te nada, mas vou investigar mas depois te direi, mais tarde. Precisamos de um relatório, uma informação sobre a situação em YAGUAJAY, já que temos de comunicá-lo mais para cima...Escuto.

COLUNA 2 ANTONIO MACEO: Quanto à informação sobre YAGUAJA é impossível dar-ta agora, pois não tenho os dados necessários, quem tu poderia dizer era a RÁDIO MÓVEL COLUNA 2. Mas a RÁDIO MÓVEL ANDA POR ONDE QUER. A única coisa que posso dizer-te é que Camilo inventou um "Super Sherman", um super tanque. Bom, companheiro, outra pergunta queria fazer-te. Sinto muito não poder dar-te a informação sobre YAGUAJAY. Queria saber alguma coisa de Roger e que perguntas a Vitorio o que é que tinha a tratar conosco. Escuto.

COLUNA 8 CIRO REDONDO: Ontem estivemos a falar com ele da mensagem que tinhas enviado anteriormente. Ele sabe que as tuas condições são muito difíceis, mas há que lutar por questões importantes. Vou comunicar-lhe novamente a tua situação, embora vá ser difícil, e inclusive vou mandar um mensageiro pessoal além de o chamar pela rádio. Agora temos uma chamada urgente para ORIENTE para comunicar a situação. Repito trata de te aguentar por todos os meios, é muito importante. Diz-me se compreendeste...

CUBA, UMA REVOLUÇÃO, UMA ESPERANÇA

Estas são das últimas comissões de rádio rebelde.

Depois foi a tomada do poder, a proclamação do poder revolucionário, as leis revolucionárias. Cuba deixou de ser um país capitalista sob domínio americano para ser um país socialista.

Grandes dificuldades se puseram a esse país que desafiou o monstro americano. Com uma economia completamente dependente dos EUA, estes empregam a melhor arma: o bloqueio económico. Para vencer esse bloqueio todo um povo teve que sofrer para vencer as enormes dificuldades; mas sabia que sofria pela libertação dos explorados. As dificuldades e as contradições do desenvolvimento de Cuba socialista constituem a história difícil das revoluções socialistas rodeadas pelo imperialismo.

Em 26 de Julho de 1953 o assalto a Moncada foi o início da revolução. Em 1 de Janeiro de 1959 a queda da ditadura de Batista foi o

início duma nova fase do processo revolucionário. Daí em diante passos importantes marcaram a história:

Reforma Agrária que deu a terra a 100 000 camponeses e acabou com o latifúndio.

Dissolução do Exército Profissional. Criação do Exército Popular.

Nacionalização das indústrias, da banca e do Comércio Externo. Organização de Comitês de Defesa da Revolução.

Campanha nacional de alfabetização.

Esta profunda alteração marcou irreversivelmente a história de Cuba.

Hoje com uma economia consolidada, Cuba representa um papel importante na história mundial.

Para Portugal, Cuba é não só um exemplo para aqueles que todos os dias erguem papões para afugentar a revolução socialista, como um aliado certo na luta contra o imperialismo.

JOÃO ANTÓNIO NINA DUARTE

Os operários da firma "João António Nina Duarte" há mais de 2 meses que não recebem o seu salário, nem recebem o 13.º mês, nem o subsídio de férias a que têm direito pelo contrato colectivo de trabalho dos têxteis.

Os operários resolveram ocupar a fábrica no dia 9 de Janeiro e enviaram também uma delegação a Lisboa, ao Ministério do Trabalho, onde obtiveram a resposta que o assunto ia ser estudado.

Entretanto, o sindicato prometeu-lhes um subsídio fruto da solidariedade dos camaradas da indústria de lanifícios. A cada operário foi pedido a quantia referente a uma "bica". Os estudantes da Escola Técnica da Covilhã também lhes enviaram um donativo, o que muito os sensibilizou.

Um operário comenta esta campanha de solidariedade:

"Mas camarada a nossa luta não é esta. Está certo que nos solidarizemos com os camaradas em condições precárias mas temos que lutar nas nossas empresas, mostrar a nossa força e unidade para evitar que os nossos companheiros sejam despedidos. Se o Governo ainda não tomou medidas temos que ser nós a tomá-las. Estamos contra os despedimentos e assim, garantindo o trabalho ao nosso companheiro, seremos ainda mais solidários com ele do que dando-lhe o nosso contributo.

Esta campanha pode ser a prova real de que estamos unidos com os nossos camaradas na luta contra a exploração capitalista.

Casos como este continuar-se-ão a repetir se uma revolução autêntica e socialista não vier a acontecer. E unicamente um sistema socialista conseguirá resolver tais problemas.

Revolução

Composição e Impressão - Mirante & C.ª - Distribuição - Internacional

EDITORIAL

As últimas semanas decorreram sob a trovoadas das lutas partidárias originadas pela discussão acerca da lei sindical. Tal discussão, na qual se envolveram a fundo os partidos do Governo permitiu-nos saber (porque se zangaram as comadres) muita coisa dos partidos governamentais. Aos políticos experimentados essas revelações clarificam a situação; à população trabalhadora em geral criam muita confusão e ambiguidade. Confusão e ambiguidade que podem desaparecer, no entanto, num futuro próximo.

Na verdade as contradições do poder político permitiram-nos saber para que lado se distribuem claramente o PPD e o PS e o perigo que advém desta posição. E permitiram-nos saber mais uma vez que o PC não se distribui de lado nenhum e que prefere discutir um assunto secundário. — o sindical — do que o principal — a questão capitalismo ou socialismo. Zangaram-se portanto os partidos numa questão que tem a ver com o controle partidário dos sindicatos, quando na semana anterior se tinham posto de acordo sobre um assunto que tem a ver com as questões de fundo — o Plano Económico, aprovado pelo Governo e que é a consagração do capitalismo.

Uma coisa é certa: a degradação da situação e a evolução, que também é degradação, do poder político preparam o terreno para um golpe da reacção, ou seja para um golpe de salvação da burguesia, incapaz de se manter em democracia.

A esta situação, a única resposta revolucionária é a organização rápida e eficaz no sentido da revolução socialista.

Esta organização passa pelo desmascaramento das lutas partidárias, que são lutas de galos. As lutas entre partidos desviam os trabalhadores do objectivo principal — a luta contra a burguesia, que neste momento ameaça tomar a forma de fascismo. Quando o PC acusa a manifestação contra o Congresso do CDS (partido indementalmente fascista), organizada por partidos revolucionários, de ser aventureira e de ser provocatória mas se dispõe a fazer no dia 31, uma manifestação contra o Partido Socialista, torna-se claro que o problema não é ideológico, não é originado pela defesa dos interesses dos trabalhadores, mas é unicamente motivado pela luta pelo poder, pela competição dentro do Governo Provisório.

É necessário lutar contra o envolvimento dos trabalhadores nessas lutas partidárias, que iludem as questões principais.

O momento é de grandes escolhas. Não é possível estar com os patrões e com os trabalhadores ao mesmo tempo. Não é possível continuar a adiar a escolha. O adiamento permanente consiste no fundo numa escolha passiva — deixar tudo na mesma, manter o sistema.

Hoje, escolher a tempo é uma questão de vida ou morte. Não o escolher dum partido, como quem escolhe um clube de futebol, mas escolher a classe com quem se está, o sistema que se quer.

Neste momento, organizem-se os trabalhadores para lutar contra a burguesia e para lutar pelo poder. A tomada das terras em Alcaccer do Sal é um sinal de organização e poder. E analisem cuidadosamente quem são os aliados, quem está do seu lado. Estiveram os soldados e oficiais, que se puseram ao lado da manifestação no Porto e que se viraram contra a GNR, dispondo-se a ser feridos. Esses estão deste lado da barricada. Quem está mais?

imperialistas, como o MPLA é representante dos interesses do povo angolano. Hoje a luta em Angola muda de natureza, mas o combate é tão duro e tão decisivo como no passado.

O futuro de Angola e o futuro de Portugal estão interdependentes, porque cá o combate a travar pode conduzir a uma vitória que altere a face do mundo.

Durante a estadia de Agostinho Neto em Lisboa, uma delegação do MPLA, constituída por Agostinho Neto, Iko Carreira e Lúcio Lara encontrou-se com uma delegação do PRP-BR, durante a qual foram discutidas as situações actuais de Angola e Portugal.



A Cimeira da Penina consagrou a independência de Angola. Mas a luta do MPLA não acaba aí; neste momento novo tipo de luta se inicia contra as forças do imperialismo que jogam tudo por tudo para se manter em Angola. A F.N.L.A. é representante dos interesses

OLIVA-RABOR

A FALENCIA DO CAPITALISMO, OS TRABALHADORES RESPONDEM COM A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA.

O grupo OLIVA-RABOR atravessa grandes dificuldades. Assim particular, a impossibilidade do capitalismo subsistir em Portugal, a menos que o faça regressando a uma feroz repressão sobre a classe trabalhadora.

Deste modo, a OLIVA-RABOR passou a laborar apenas 50% do que era normal e a dívida aos bancos passa de 60.000 para 120.000 contos. Prevê-se ainda que em Fevereiro haja falta de meios para pagamento de salários aos trabalhadores, e a empresa não tem mercados estrangeiros e ou nacionais para colocar os seus produtos.

Perante este quadro, que fazem os trabalhadores? Esperar calmamente que o Governo resolva os seus problemas? É claro que não. Como se diz no comunicado aos trabalhadores da RABOR que em baixo transcrevemos parcialmente, "são os trabalhadores autonomamente organizados que devem encontrar as soluções para os seus problemas";

COMUNICADO AOS TRABALHADORES DA RABOR

"É urgente pormos de parte a errada prática de pormos acima da classe as questões partidárias..."

É chegada a hora de nos mobilizarmos para tomarmos nas nossas mãos os destinos e a construção da sociedade (...)

Não pode haver confusão entre democracia burguesa e Revolução Socialista (a ditadura do proletariado). A democracia que os reformistas pretendem oferecer aos trabalhadores não é mais do que uma nova forma de exploração, uma forma subtil de nos entregarem de mãos e pés amarrados ao Império. São os trabalhadores autonomamente organizados que devem encontrar as soluções para os seus problemas e seguir nesse caminho sem hesitações. Não esperemos que o capital se arme para enospar em sangue as ruas do nosso País. Temos que ser nós a organizarmos-nos e armarmos-nos e a coligarmos-nos com as Forças

Armadas (sectores progressistas e sobretudo solda dos) para liquidarmos de vez o capitalismo opressor da nossa terra. (...)

O verdadeiro motor da História são hoje as classes trabalhadoras no seu combate contra o capitalismo. A nossa tarefa é levar por diante a Revolução do Proletariado e levar à prática o internacionalismo proletário.

Vamos eleger a nossa Comissão de Trabalhadores (de Fábrica).

Nós todos formamos a Assembleia de Trabalhadores, na qual se deverão tomar as decisões e perante a qual terá que prestar contas a Comissão de Trabalhadores por nós eleita. (...)

Façamos sem demora o arranque da nossa Organização Autónoma.

Nós vamos constituir a Assembleia de Fábrica. Vamos discutir a eleição da nossa Comissão de Trabalhadores.

Digamos NÃO às C.R. (Comissões Redactoriais) e à C.M.R.H. (Comissão Mista de Relações Humanas). Não pode haver humanismo entre explorados e exploradores. Não à enganosa teoria da conciliação de classes do reformismo.

— PELA ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DA CLASSE TRABALHADORA

— PELA DITADURA DO PROLETARIADO

— PELA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA

UM GRUPO DE TRABALHADORES

Sedes

LISBOA — Rua do Arco do Carvalho, n.º 1, 5.º-Dt.
Tel. Jornal "Revolução" 682323
Contacto Partido: 680960

PORTO — Rotunda da Boavista, n.º 76, 3.º-Esq.
Tel. 695080

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21
Tel. 24998

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, n.º 15 — Algés de Cima

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 D e C

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10, n.º 6

MAIS UM EXEMPLO DA FALTA DE REPRESENTATIVIDADE SINDICAL

O Sindicato dos Metalúrgicos de Almada no passado dia 17 de Janeiro reuniu. Assunto a discutir — regulamento das eleições. Pois a esta assembleia, com este problema a debater estiveram presentes 150 pessoas. Os sócios do Sindicato são 5.000. Estes números dizem tudo.

Não obstante esta ausência de representatividade os presentes aprovaram tudo quanto lhes apeteceu e expulsaram mesmo de sócio o Presidente da Assembleia Geral, suspenso juntamente com o secretário da direcção. Intitulando-se representantes dos 5.000 metalúrgicos de Almada os 150 presentes cozinham o que bem entenderam.

Não se pode consentir que as direcções sindicais, cúpulas afastadas das bases continuem a dizer-se representantes dos trabalhadores! A sua representatividade está à vista.

É necessário que mude totalmente a estrutura sindical, de modo a que fique garantida a representatividade dos trabalhadores. No projecto do PRP-BR esta estrutura tem que basear-se na assembleia de trabalhadores de empresa; e os seus legítimos representantes são as comissões eleitas e a todo o momento revogáveis.

Em cada assembleia de empresa de Almada (Lisnave, Siderurgia, etc.) estarão presentes sempre muito mais trabalhadores do que na assembleia do Sindicato que os representa a todos. Estarão presentes sempre pelo menos dez vezes mais por cada empresa. Haverá quem possa negar a evidência dos números?

Só o sindicato de empresa pode ser a estrutura que garante a unidade e a representatividade. Nem pluralismo burguês, nem a estrutura sindical de cúpula.